



VÍCIOS

DESIGN

POR GUTA MOURA GUEDES



O fogo, o oxigénio e o carbono são a base desta transformação. O processo é lento, a forma final sempre imprevisível. No Caramulo seguem-se as regras milenares.



Em círculo, os vasos prontos para serem enterrados em fogo e assim cozidos e modificados. O oxigénio que acompanha este processo quase que se sente nas peças finais.



Embora o autor determine parte da forma original do artefacto que vai cozer, o resultado escapa-se-lhe às mãos. São os anos e anos de prática e de comunidade que permitem manter este saber.



Esta série de vasos é uma edição limitada e irrepetível, um registo de um projeto e de um momento no tempo.



Barro negro

A revelação das peças cozidas é uma celebração na aldeia, com música popular, comida e vinho

O processo do barro negro é alquímico. A Soenga, que é a cozedura em covas de barro, é uma prática ancestral oriunda de certas regiões do mundo, que remonta aos tempos do Neolítico e que tem uma forte história em Portugal. Reavivou-se na aldeia de Molelos com uma celebração anual, integrada nas festas locais. A comunidade de ceramistas e oleiros reúne as suas peças que são pré-cozidas em chamas abertas e depois amontoadas numa cova redonda de cozedura, numa cama de pinheiro e palha de milho. São depois enterradas com lenha a arder e cobertas com turfa, criando uma cúpula com pequenas aberturas das quais o fogo se alimenta. Quando estas fecham criam uma câmara de ar, privando o barro de oxigénio, absorvendo assim o carbono. Daí a cor negra, que surge não do material, mas de um processo transformador único. A revelação das peças cozidas é uma celebração na aldeia, acompanhada de música popular, comida e vinho, reforçando o sentido de comunidade.

Noé Duchaufour-Laurance instalou-se em Portugal há poucos anos, dois. Conheci-o na altura, falámos na experimenta sobre o seu interesse no artesanato, na introdução do design contemporâneo nesta área, sobre a sua paixão pela forma de fazer manual, a sua relação com os materiais, com a simplicidade. A minha

equipa ajudou-o com uma ainda incipiente base de dados sobre artesanato em Portugal, que tínhamos desenvolvido para o projecto Homo Faber, em Veneza. Porquê Portugal? Porque cá se vive bem, as gentes são boas, há mar e surf, uma cultura forte e coesa, mas pronta a abrir-se aos outros. Noé estava determinado não só a fazer projectos com os nossos artesãos e os nossos materiais mais comuns, mas também em abrir um espaço em Lisboa que transparescesse essa sua forma de ver o design e a sua relação com o mundo global.

O seu interesse pelo Barro Negro surgiu quando visitou os arquivos do Museu Nacional de Etnologia, levando-o a Molelos, onde conheceu os artesãos Alexandra Monteiro e Carlos Lima. O resultado deste encontro, desta pesquisa e deste trabalho são verdadeiramente impressionantes. Não só pelas novas peças produzidas, como também pelo documentário criado, o registo fotográfico, as peças desenhadas e ainda algumas derivações, como um perfume de ambiente e o seu difusor. Na inauguração, na semana passada, estavam presentes o designer e os artesãos, todos eles criadores. Foi um momento único. Não perca, vá visitar a [Made in Situ](#). Lá encontra parte do nosso passado e parte do nosso futuro. ●

Guta Moura Guedes escreve de acordo com a antiga ortografia



O designer francês, nascido em 1974, colaborou não só com líderes da indústria, como Saint Louis e Hermès, mas também com várias instituições culturais, actuando também na área do design de interiores.



As formas das luminárias (Light), vêm da paisagem local, dos pedregulhos. Tiveram de ser esculpidas e de se fazer moldes em gesso.



As peças Corneilles não são edições limitadas, são feitas em roda de oleiro e incluem parte do sentimento de comunidade e relação que Noé encontrou em Molelos.



Imagem da exposição no estúdio/galeria [Made in Situ](#), na Travessa do Rosário, 16, em Lisboa.